

MARIANA BARROTE  
16.09.2023 | 04.11.2023

## TAIL OF THE EYE

Traduzindo-se, no português, por *canto do olho*, a expressão *tail of the eye* congrega em si uma conotação semântica de duplo sentido, tanto aludindo a uma zona anatómica específica, como denunciando um modo de olhar particular – de soslaio: ora desconfiado, ora lânguido e sedutor.

Contudo, neste **Tail of the Eye** – nome da primeira exposição de Mariana Barrote na Galeria Lehmann + Silva –, possamos distender mais ainda este título através de uma transposição que parte de uma ordem semântica em detrimento daquela que é uma curiosa proximidade sonora: transformando este *tail* [no caso específico: extremidade; parte final e alongada] num menos corpóreo *tale* [conto; narrativa ficcional ou verdadeira transmitida entre gerações].

Feita a torção, estamos agora aptes a encontrar uma primeira chave para muito do que aqui se passa. Pois é de contos, narrativas e mitos – e de tudo o que estes têm de efeito sedutor, mas também de suspeição e assombro – aquilo de que Mariana Barrote nos parece querer falar. São histórias – histórias contadas em redor do fogo<sup>1</sup> –, as imagens que vemos – e, se fizermos o esforço, talvez mesmo oiçamos – através das mãos e dos gestos de Mariana Barrote. Ainda que sejam histórias que trazem em si o princípio de uma alteridade múltipla.

Ao descer para o piso inferior da galeria, recolhemos-nos, por isso, numa espécie de clareira aberta no interior de uma densa floresta, onde uma fogueira imaginária projecta ainda o seu calor e sua luz, fazendo-os emanar pelas paredes, desenhos e pinturas que nelas *aparecem*. Qual contadora-curandeira, Mariana Barrote não deixa que a chama dessa fogueira se apague, reunindo-nos aqui – neste lugar que é ao mesmo tempo íntimo e protetor, assim como o é selvático, livre e intempestivo –, de modo a invocar lendas, memórias e rumores, que tanto visam as suas mitografias pessoais – signos, símbolos, movimentos e plasticidades próprios do

---

<sup>1</sup> José A. Bragança de Miranda, *Envios: Uma Experimentação Filosófica na Internet*, Nova Vega, Lisboa, 2008. "Diz-se que o mito é uma narrativa, uma história que se contava em redor do fogo", p.95.

seu trabalho e percurso artísticos —, como invocam excertos e vestígios de um fundo simbólico, vagamente estabilizado, onde a História e a alguma da História da Arte (ocidentais) se foram contínua e formalmente produzindo.

Esses fragmentos, encontramos-los em referências várias, lastros fantasmáticos que tensionam os desenhos e pinturas apresentados — de qualidade exuberante e enigmática, a meio caminho entre o surrealismo e o expressionismo —, e nos quais as origens dessas ligações se mostram provenientes tanto de territórios populares, como de universos clássicos e pretensamente eruditos. Vejamos, por exemplo, a clara relação com a fábula do boi e do sapo de La Fontaine, em "Sonhei que era sapo, boi, trote e galope"; ou a convocação do mito de Peleu e Tétis em "Como se doma a forma". Também a reminiscência à lendária sarça ardente, arbusto portador da presença divina e seminal na tradição judaico-cristã, em "De olhos na sarça ardente"; o evidente reptó aos *maneirismos* pictóricos de Pontormo, em "Pontormate!"; ou, mesmo ainda, e menos declarativamente, a proximidade com uma elasticidade voluptuosa do também pintor maneirista Parmegianino, em "Pela corrente líquida do caule vegetal".

2

Ainda assim, todas estas piscadelas de olho — ou melhor dizendo: olhares de esguelha, pela *cauda* dos seus olhos —, mais do que importarem a Mariana Barrote enquanto complexas ressonâncias narrativas e formais, interessam-lhe enquanto mecanismos indicadores e transdutores daqueles que são os percursos ininterruptos de uma dimensão material e energética que lhes subjazem enquanto radicalidade absoluta, mas também enquanto potência especulativa. Numa apetência que, para a artista, se dirige a um horizonte líquido, passional, visceral e transmutável, fazendo com que o seu trabalho se mostre assim capaz de contrariar e fazer explodir grelhas identitárias fechadas, taxonomias e fisiologias fixas, racionalismos domesticadores, formas e imagens estabilizadas.

Por isso o sapo se sonha outro e se transfigura em boi, cavalo, trote, movimento. Por isso a sarça não é aqui divina, mas sim carnal, emanando impulsos sexuais, libidinosos e luxuriantes. Por isso muitos dos objectos que aqui encontramos são representados segundo um princípio animista, dotados da vida que manifestamente reside em si. E por isso muitas das figuras que vão povoando estes desenhos e pinturas existem em estados indecisos: entre a forma humana, animal e vegetal, entre

orgânico e inorgânico. Afinal, é também por isso que esta *tail of the eye* pode ser concreta e muito simplesmente o que esta expressão desenha nas nossas mentes de forma imediata: uma cauda que efectivamente saia dos olhos (humanos ou não humanos, não importa), serpenteante e lasciva.

O trabalho de Mariana Barrote é, deste modo, uma espécie de arma de alucinação de toda a História, profanando-a. Abrindo-a, redistribuindo-a e tornando-a mais próxima do chão, da Terra, dos seus percursos livres e inconscientes (pelo menos, para nós), pulsões e contingências. E se, para citar a artista, "todas estas pinturas e desenhos poderão ser encarados como pistas individuais de um enredo", são-no na medida em que invocam esse conto, esse *tale*, que é, na verdade, a captação do princípio geral e transindividual da transformação, da metamorfose; tanto virtual como actual. Uma cauda, uma *tail*, que tudo colhe e tudo arrasta, trazendo para si todo o mundo, todes les corpes, todas as imagens, simbioses, mutabilidades, latências e cambiâncias. Puxar essa cauda — como o faz Mariana Barrote — é perceber que nada permanece imóvel e inacessível, mas, sim, sempre se encontra, quer queira, quer não, numa inesgotável *dança ciciante*.

David Revés

O autor escreve segundo a antiga ortografia e adopta a linguagem neutra e inclusiva.

WWW.LEHMANNSILVA.COM  
GALLERY@LEHMANNSILVA.COM  
+ 351 - 220167341

LEHMANN + SILVA

MARIANA BARROTE  
16.09.2023 | 04.11.2023

L+S PROJECTS